

A REPRESENTAÇÃO AFRO-BRASILEIRA NO SAMBA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA MÚSICA

Gabriela Tavares Candido da Silva (UENF)

gabrielatcandido@gmail.com

Giovane do Nascimento (UENF)

Marcelo Cucco (UENF)

A ação colonizadora nas Américas pelos europeus foi seguida de um processo de perpetuação da submissão dos habitantes das "novas terras", a noção universalista europeia, tendo no sujeito branco, do sexo masculino, cristão, heterossexual de classe média um tipo ideal e universal. Nesse contexto, a consolidação do poder político, econômico e social ocorre a partir da permanência de um modelo de civilização às populações periféricas, num processo denominado colonialidade. Durante longo período, correntes ideológicas que perseguiram o modelo universalista de sociedade pregaram a necessidade de extirpar da sociedade brasileira a herança africana a partir de um ideal de branqueamento. Na contramão desse pensamento, intelectuais e artistas alinhados com o Movimento Modernista Brasileiro se encarregaram de absorver o sujeito negro e mestiço como símbolos de nacionalidade, o que, por outro lado, impôs também a desafricanização de alguns elementos da cultura negra, como o samba e a capoeira. Esse processo de "aceitação" e absorção da cultura negra à noção de brasilidade construiu também o discurso de democracia racial, contribuindo para atenuar conflitos e desigualdades decorrentes de um racismo velado. O presente artigo pretende analisar na letra do samba "Agoniza mas não Morre", de Nelson Sargento, para demonstrar a maneira pela qual, apesar da ideia de democracia racial, permaneceram presentes as tensões raciais da sociedade brasileira, fruto da ação de colonialidade que se perpetua até os dias atuais.